

Wilson Francisco de Farias

A nighttime collage of historical and cultural landmarks. On the left, the illuminated tower of the Sagrada Família in Barcelona. In the center, a suspension bridge with green lights over a river. On the right, a large, modern, illuminated structure with a grid pattern and a flag on top. The background is a dark blue sky with city lights.

*De Portugal
Ao Sul do Brasil
500 anos*

História-Cultura-Turismo

Para todas as idades

© Vilson Francisco de Farias

Centro de Educação – UFSC
Departamento de Metodologia de Ensino
Campus Universitário – Trindade
88040-900 – Florianópolis – SC
Fones (0xx48) 348-8285 – 9981-9694 – 331-9243
e-mail: vilson.farias@bol.com.br
e-mail: vilson.farias@zipmail.com.br

Fotografias:

- Torre Belém - Autor
- Monumento aos 250 anos de colonização Açoriana – Joe Alves
- Ponte Hercílio Luz – cedida pelo Gabinete da Prefeitura de Florianópolis

Capa:

Arte/Composição: Rita Cássia Coelho Gavasso/ Fapeu

Editoração Eletrônica:

Jorge João Gomes

Revisão:

Dácio Luiz Osti

FICHA CATALOGRÁFICA

F224d FARIAS, Vilson Francisco de
De Portugal ao sul do Brasil – 500 Anos – História, Cultura e Turismo
/Vilson Francisco de Farias. – Florianópolis : Ed. do autor, 2001.
840p. : il.; color.

Inclui bibliografia

Inclui quadros

1. Colonização – sul do Brasil. 2. História – Brasil – região sul. 3.
Portugal – história – Açores. 4. Cultura luso-brasileira.

1. Título

CDU 325.3:981(816.285):946.9(469.9)

Bibliotecária responsável: Cleuza Regina C. Martins (CRB 14/500)

Reservados todos os direitos de publicação
total ou parcial ao autor.

Impresso no Brasil

**DE PORTUGAL AO SUL DO BRASIL – 500 ANOS –
HISTÓRIA, CULTURA E TURISMO**

**CAPÍTULO 1 – BRASIL/REGIÃO SUL E PORTUGAL – LAÇOS
SECULARES COMUNS COM VIVÊNCIAS
DIFERENCIADAS**

1. Portugal visto por muitos brasileiros	29
2. Portugal hoje – realidade e informações úteis aos brasileiros.....	32
3. O Brasil a ser visto por portugueses	36
4. Linha do tempo histórico de Portugal/Brasil/sul do Brasil	42

**CAPÍTULO 2 – DE PORTUGAL AO SUL DO BRASIL
– UMA HISTÓRIA SEM FIM**

1. Tratado de Tordesilhas: 1494 – Mesmo desconhecido, já era português	52
2. O descobrimento e posse do Brasil pelos portugueses em 1500 – reflexos no sul	54
3. As primeiras providências oficiais da Coroa portuguesa em relação às Terras de Santa Cruz e o sul do Brasil	54
4. O Sistema de Capitânias Hereditárias e Capitânias Régias	57
5. Governos Gerais e o sul do Brasil.....	69
6. Os domínios espanhóis na América do Sul, povoamento na bacia Platina e as missões jesuíticas.....	69
7. Conquistar para dominar Portugal mameluco em ação x império da fé jesuítica	71
8. A ação dos bandeirantes paulistas e a consolidação do Império português no sul do Brasil frente ao domínio espanhol.....	74
9. As bandeiras mineradoras e o sul do Brasil.....	77
10. A invasão espanhola na Ilha de Santa Catarina em 1777, definições das fronteiras do Brasil meridional.....	78
11. O ciclo da pecuária/tropeirismo no sul do Brasil – Caminho das tropas.	80
12. A Guerra dos Farrapos e o sul do Brasil: 1835 a 1845	97
13. A transição da Monarquia à República e os reflexos no sul do Brasil às crises republicanas, ao longo dos séculos XIX e XX	101

CAPÍTULO 3 – PORTUGAL – EVOLUÇÃO HISTÓRICA

1. Reflexão sobre a história de Portugal	129
2. Portugal: contextualização geohistórica	134
3. A pré-história portuguesa comparativa a do sul do Brasil	136
4. Os romanos na península Ibérica.....	144
5. A invasão dos povos bárbaros dos séculos V ao VIII: vândalos, suevos e visigodos	147
6. Os árabes na península Ibérica Portugal	148
7. O aparecimento dos reinos ibéricos que sucedeu o domínio árabe na península Ibérica.....	151
8. A formação do Moderno Estado português	152
9. A era do esplendor português – do monopólio oriental a colonial Brasil	160
10. A República portuguesa: 1910 a 2001.....	220

CAPÍTULO 4 – PORTUGAL HOJE: ESTRUTURA POLÍTICO-ADMINISTRATIVA E POTENCIAL TURÍSTICO	235
1. Ver para crer	235
2. Quadro político-administrativo atual	236
3. O turismo em Portugal	247
3.1. As regiões turísticas e suas marcas - Concelhos: Santarém, Lagos, Praia da Vitória e Santa Cruz da Graciosa	247
CAPÍTULO 5 – AÇORES: HISTÓRIA, CULTURA E CONTRIBUIÇÕES NO COMÉRCIO E POVOAMENTO DO BRASIL	317
1. Um retrato dos Açores	317
2. Os Açores – Suas relações e contribuições para o Brasil	355
CAPÍTULO 6 – SUL DO BRASIL HOJE: HISTÓRIA, CULTURA E TURISMO	368
1. Visão global da região	368
2. Estado de Santa Catarina	370
3. Estado do Paraná	401
4. Estado do Rio Grande do Sul	411
CAPÍTULO 7 – OS MUNICÍPIOS DO SUL DO BRASIL: POTENCIAL TURÍSTICO	419
1 - Palmeira – PR	420
2 - São Francisco do Sul	427
3 - Araquari	435
4 - Barra Velha	440
5 - Piçarras	445
6 - Itajaí	448
7 - Balneário Camboriú	459
8 - Tijucas	469
9 - Biguaçu	472
10 - Florianópolis	485
11 - São José	491
12 - Palhoça	497
13 - Águas Mornas	504
14 - Garopaba	508
15 - Imbituba	511
16 - Laguna	519
17 - Capivari de Baixo	530
18 - Gravatal	537
19 - Tubarão	542
20 - Içara	549
21 - Araranguá	552
CAPÍTULO 8 – AS INSTITUIÇÕES PORTUGUESAS E LUSO-BRASILEIRAS E SEU PAPEL NA DEFESA DOS VALORES LUSÓFONOS	609
1. Introdução	609
2. Principais núcleos básicos de portugueses natos e seus descendentes em território brasileiro	610
3. Instituições de origem portuguesa e luso-brasileiras no Brasil	612
4. Algumas instituições portuguesas e luso-brasileiras	620

CAPÍTULO 9 – O HOMEM LUSO-BRASILEIRO DO SUL DO BRASIL FRENTE ÀS DEMAIS ETNIAS REGIONAIS.....	641
1. O elemento humano de origem portuguesa no sul do Brasil.....	641
2. Mosaico cultural com marca lusitana na faixa litorânea do sul do Brasil.....	651
3. Porque cultura lusóflna catarinense de base açoriana	651
4. A visão distorcida (esteriótipos) dos ítalo-germânicos sobre o homem litorâneo descendente de portugueses e seu modo de vida.....	661
5. Calendário anualizado da cultura lusófona tradicional do sul do Brasil – o ciclo da vida.....	665
 CAPÍTULO 10 – ARQUITETURA DE ORIGEM LUSO-BRASILEIRA NO SUL DO BRASIL	 672
1. Arquitetura luso-brasileira no litoral de Santa Catarina	672
2. Aspectos comparativos da arquitetura dos Açores e da ilha de Santa Catarina – notas para o estudo da contribuição portuguesa na ocupação do território.....	684
 CAPÍTULO 11 – AMOSTRA DO SABER FAZER DA CULTURA LUSÓFONA DO SUL DO BRASIL	 698
1. Contribuição lusófona à economia do sul do Brasil.....	698
2. Gastronomia lusófona de inspiração portuguesa/açoriana no sul do Brasil	700
3. Artesanato.....	733
 CAPÍTULO 12 – O FOLCLORE E A RELIGIOSIDADE LUSÓFONA DO SUL DO BRASIL EM PONTE COM PORTUGAL....	 742
1. Folclore	742
1.1. Os folguedos.....	743
1.1.1. Tauromaquia catarinense: uma herança cultural lusitana.....	743
1.1.2. Crônicas sobre a farra do boi.....	746
1.2. Danças.....	755
1.2.1. Fandango	756
2. Religiosidade	780
2.1. Introdução.....	780
2.2. O ciclo do Divino Espírito Santo no sul do Brasil: ontem e hoje.....	780
2.3. O ciclo da quaresma	781
2.3.4. O culto e respeito aos mortos.....	783
 CAPÍTULO 13 – ERVAS E BENZEDURAS NA SAÚDE DO POVO: MEDICINA POPULAR	 786
1. Benzeduras	786
2. Curandeiras ou curandeiros e ervas.....	795
3. Plantas medicinais e seu uso	796
4. Receitas de como se preparar ervas e ungentos (emplastos) no sul do Brasil	825

2. Aspectos comparativos da arquitetura dos Açores e Ilha de Santa Catarina:

ILHA DE SANTA CATARINA - NOTAS PARA O ESTUDO DA
CONTRIBUIÇÃO PORTUGUESA NA OCUPAÇÃO DO TERRITÓRIO

Betina Adams e Suzane Albers Araujo

INTRODUÇÃO

A permanência da arquitetura e do traçado urbano das cidades, vilas e freguesias é o testemunho da ocupação física de um território, substrato material que dá suporte à sua dinâmica cultural.

A implantação, em meados do século XVIII, de um entreposto fortificado na Ilha de Santa Catarina para proteção, apoio e controle da circulação das riquezas, está vinculada muito diretamente ao ciclo das grandes navegações, resultado da necessidade de expansão do capital mercantil europeu.

Este assentamento dava suporte à estabilização da colônia do Sacramento, fundada em 1680 como uma estratégia portuguesa de expansão territorial para além dos limites determinados pelo Tratado de Tordesilhas, objetivando o controle das riquezas provenientes das Américas.¹ (*Para visualização da linha divisória do Tratado de Tordesilhas ver a prancha: Ilha de Santa Catarina: Plano Estratégico Defensivo do Século XVIII, Imigração Açoriana e Núcleos de Assentamento*)

Como elemento auxiliar na defesa das terras portuguesas era necessário um contingente populacional permanente que contribuiria na segurança da região.²

Por esta ocasião, a população do arquipélago açoriano já estava estabilizada, com problemas da superpopulação. Sua ocupação inicial foi efetivada por portugueses vindos das províncias portuguesas da Estremadura, Alentejo e Algarve³ (FARIAS, 1998, p. 32-34).

1 Para concretização deste objetivo, a ação da Coroa portuguesa em ocupar o território antecedeu à aceitação internacional do princípio do "*uti possi de tis*", ou seja, "dar a posse da terra a quem a ocupar antes".

2 Em vista dos relatórios existentes, desde 1711, presume-se o interesse português em povoar o Brasil meridional. (PIAZZA, 1988, p. 123)

3 Segundo FARIAS, Sta. Maria e São Miguel foram povoados por este contingente; Terceira e Graciosa foram povoadas pelas províncias portuguesas montenhas, e para o Faial e São Jorge vieram flamengos.

Assim, em meados do século XVIII, foi executado um grandioso projeto oficial, de colonização maciça. Como consequência, na Ilha de Santa Catarina o povoamento português, presente em todo litoral brasileiro, apresentou um matiz açoriano proveniente principalmente das ilhas do grupo central,⁴ sobretudo terceirense. A Ilha de Santa Catarina foi o porto de recepção deste contingente e serviu de pólo irradiador para o povoamento da região. Tal fato, aliado a fatores locais específicos, resultou nas peculiaridades de sua atual conformação.

Na Ilha de Santa Catarina, a fundação do povoado já havia ocorrido em 1651, com o nome de Nossa Senhora do Desterro, que em 23 de março de 1726 foi elevada à categoria de vila.⁵ Porém, foi o período marcante da imigração açoriana, acompanhado de uma significativa intervenção administrativa, que criou a infra-estrutura de suporte e apoio a esta imigração, consolidando as estruturas básicas sobre as quais ocorreu a dinâmica do seu assentamento físico. Estas características ainda podem ser vislumbradas na estrutura da ocupação da ilha, são partes de sua identidade e ao longo do tempo tem sido o suporte físico de sua dinâmica socioeconômica.

Localizado em meio do oceano Atlântico, o arquipélago dos Açores, antes desabitado, teve papel determinante, a partir do século XV, nas relações entre a Europa e os novos mundos descobertos da África, da América e da Ásia, chegando a ser o ponto de convergência das principais rotas comerciais então existentes, que inicialmente dirigiam-se só para o Oriente, estendendo-se depois para o continente americano.

A Ilha de Santa Catarina, mesmo sendo uma ilha costeira, apresentava na época um grande isolamento. A extensão territorial do território português no continente americano dificultava a comunicação, resultando que alguns núcleos, sobretudo aqueles mais distantes dos centros agregadores, vivessem uma economia de subsistência. Este era o caso da ilha catarinense, cujo porto era considerado excelente, porém distante dos principais centros de interesse, razão pela qual sua função de suporte e apoio às embarcações só aos poucos foi sendo potencializada.

Portanto, o arquipélago dos Açores e a Ilha de Santa Catarina apresentavam similares funções portuárias, de cunho estratégico de apoio e abastecimento. Porém, a diferença da sua importância geopolítica, com reflexos na economia, e os diferentes momentos da ocupação, refletiram-se diferentemente no suporte físico construído.

4 Trata-se das ilhas Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial.

5 A fundação da povoação está relacionada ao período da ação bandeirante, de origem paulista, que contribuiu decisivamente na exploração do sertão brasileiro.

FORMAÇÃO URBANA

A execução do plano estratégico defensivo, desenvolvido pelo engenheiro militar, brigadeiro José da Silva Paes no século XVIII, contemplava a criação de um sistema de fortificações,⁶ acompanhado de outro sistema, composto por núcleos de assentamento. (*Ver a prancha já referenciada, que apresenta a localização das fortalezas e núcleos urbanos, bem como a prancha: Fortalezas*)

Segundo FARIAS (1998, p. 243), estes núcleos estavam dispostos de forma triangular, distante 12 léguas entre si, envolvendo a costa oeste da Ilha de Santa Catarina e o continente frontal, que são interligados pelas baías Norte e Sul. Assim, tendo N. S.^a do Desterro como eixo vetor localizado na ilha, foram estabelecidas as freguesias de São José da Terra Firme (1750), fazendo-lhe um contraponto frontal, N. S.^a do Rosário da Enseada do Brito (1750) ao sul, e São Miguel da Terra Firme (1752) ao norte, todas localizadas no continente. Na parte insular localizava-se, ao norte, a freguesia de N. S.^a das Necessidades e Santo Antônio (1750).⁷ Só posteriormente, em 1809, foi fundado o núcleo do Ribeirão da Ilha, localizado no sul da Ilha de Santa Catarina.⁸

As únicas freguesias que se estabeleceram sem seguir este padrão foram N. S.^a da Conceição da Lagoa (1750) e Santana da Vila Nova (1752), que tiveram como apoio inicial, respectivamente, as vilas de N. S.^a do Desterro e Santo Antônio dos Anjos da Laguna (1714).⁹

A importância dos engenheiros militares é ressaltada em vários estudos¹⁰ como sendo “os grandes autores da organização espacial colonial do Brasil” (CRUZ, 1996, p. 33).

As semelhanças do suporte físico encontrado pelos imigrantes consistiam no relevo acidentado, com morros e lagoas, e uma vegetação abundante. Porém, o solo dos Açores se diferenciava por ser basáltico, de origem vulcânica, muito aflorado, predominando acentuadas escarpas, que restringem o acesso ao mar. Tal fato tem reflexos na paisagem natural e construída dos Açores, havendo a utilização da pedra, não só como elemento construtivo, mas também ornamental, a exemplo da ilha de São Miguel.

6 A questão estratégica e militar não será abordada, em vista da especificidade de seu estudo.

7 Hoje denominadas de São José, Enseada de Brito, São Miguel e Santo Antônio de Lisboa, respectivamente.

8 CABRAL (1970, p. 73) comenta que casais açorianos se instalaram no Ribeirão depois de 1748, tendo sido obtida, em 1763, uma provisão episcopal para instalação de uma capela de N. S.^a da Lapa. PEREIRA (1990, p. 21) informa que tal capela estaria situada no local hoje conhecido como Barro Vermelho, que fica ao norte do local da atual igreja N. S.^a da Lapa do Ribeirão, localizada no núcleo histórico.

9 Laguna também tem sua origem na colonização bandeirante.

10 Conforme os trabalhos de Walter Piazza e Dalmo Vieira Filho, em bibliografia citada.

A paisagem natural da ilha catarinense é marcada por pequenas elevações – maciços rochosos de composição cristalina, que são os elementos divisores das diversas planícies sedimentares, de formação recente, que predominantemente são o suporte físico dos assentamentos iniciais.

A consolidação urbana inicial nos Açores ocorreu entre os séculos XVI e XVII, portanto, anterior à legislação ordenativa. Os assentamentos ocorreram do lado conhecido para o desconhecido, seguindo a lógica do período quatrocentista.

Maduro-Dias (1996, p. 35-36), analisando o caso de Angra do Heroísmo, que foi estabelecida em função das comunicações marítimas e do programa de descobrimentos, informa que a primeira fase de seu povoamento, ocorrida ainda no século XV, apresenta características medievais, com a estrutura urbana seguindo a topografia, sem desenho regulador. Porém, como conseqüência do intenso desenvolvimento do processo comercial que acelera a urbanização das áreas desocupadas, a segunda fase já acontece através de malha reticulada, influência renascentista de uniformização estética e disciplina racional do espaço. A cidade então é estruturada para atender sua função principal, ou seja, o apoio ao porto. Até o final do século XVI, a cidade de Angra apresenta executada sua estrutura básica principal.

Este processo apresenta um paralelo com o que ocorre no Brasil oitocentista, já sob a influência do movimento barroco, pois ambos atendem a uma preocupação estratégica portuguesa que resultou em medidas que visavam ao planejamento do território.

A ocupação urbana da ilha de Santa Catarina foi regulada através da Provisão Régia Portuguesa de 1747,¹¹ porém faz parte de um plano maior de ocupação do interior brasileiro, definido pela Coroa portuguesa a partir do início do século XVIII, que, segundo DELSON (1979, p. 4), objetivava um sistema racional de distribuição de terras, combinado com a construção supervisionada de vilas, evitando, assim, o crescimento independente e descontrolado de povoações, que vinha sendo estimulado em vista da descoberta do ouro no final do século anterior.

11 A Provisão Régia de 09/08/1747, do rei de Portugal, D. João V, para a acomodação dos povoadores mandava reservar "para o assento e logradouro público (...) meia légua em quadro", ou seja, o rocio com 6.600m² e "no sítio destinado para o lugar se assinalará um quadrado para a praça de quinhentos palmos de face (110m), e em um dos lados se porá a igreja, a rua ou ruas se demarcarão ao cordel com largura ao menos de 40 palmos (8,80m), e por elas e nos lados da praça se porão as moradas com boa ordem, deixando umas e outras e para trás lugar suficiente e repartido para quintais atendendo assim ao cômodo presente como a poderem ampliar-se as casas para o futuro." (CABRAL, 1979, p. 29)

O conceito geral destes planos urbanos determinava ruas retilíneas, praças e uniformidade de elementos arquitetônicos. Segundo as premissas barrocas, as ruas deixam de ser só funcionais, para se tornar eixo de perspectiva e elemento decorativo nas cidades. E a praça, que é elemento morfológico presente no Renascimento, torna-se elemento indispensável do desenho urbano a partir do século XVIII, deixando de ser resultado acidental de alargamento ou confluência de traçados, distinguindo-se pela organização espacial e intencionalidade do desenho. É onde se concentram os principais edifícios e monumentos, local público do encontro e dos acontecimentos.

Na Ilha de Santa Catarina, o assentamento bandeirante inicial tinha como elemento agregador uma capela com largo fronteiroço.¹² A ocupação no Centro Histórico da antiga Desterro, atual Florianópolis, se expandiu a partir de uma praça central, hoje denominada XV de Novembro, que se abria para o porto e congregava todas as principais edificações. (*Ver prancha: Ocupação Urbana*)

Esta situação difere da que ocorre em Angra, onde as funções portuárias, administrativas e religiosas localizavam-se em espaços urbanos diferenciados, dos quais somente a estrutura alfandegária se conectava com o mar. O porto abria-se para o Pátio da Alfândega, de dimensões mais modestas, a partir do qual a Rua Direita conduz à Praça Velha, abrigada do mar e cercada pela malha urbana, onde se situa o *Paço do Concelho*, estrutura administrativa da cidade. Nas proximidades, mas também dissociada das demais estruturas, está a Sé Catedral, erguida sobre uma igreja gótica do século XV, principal referência da estrutura religiosa da urbe.

Formalmente, a Praça XV de Novembro, na Ilha de Santa Catarina, se apresenta quadrangular, afunilada em direção ao mar, a partir da qual o traçado urbano forma um reticulado, acompanhando a sua orla. Conferindo monumentalidade ao conjunto, a igreja matriz, atual Catedral Metropolitana, se situa em sua cabeceira mais elevada, oposta à face que hoje está aberta para o mar. Em suas demais faces, a praça concentra edificações do poder oficial, ou seja, o Palácio do Governo e a Câmara Municipal.

Este modelo de praça foi adotado em outros núcleos, tomando uma forma mais retangular e apresentando a igreja em sua face mais estreita, freqüentemente voltada ao mar.¹³

12 A capela havia sido construída pelo bandeirante Francisco Dias Velho, no local da atual Catedral Metropolitana.

13 Exemplos situados na ilha são as praças de Santo Antônio, a do Ribeirão da Ilha, a de São João Batista do Rio Vermelho e a de São Sebastião da Praia de Fora. Todas estas praças localizam-se junto à orla, com exceção da praça do Rio Vermelho, cuja igreja também não está voltada para o mar.

Há, no entanto, também a existência de espaços não planejados que possibilitaram a formação de largos, ou seja, espaços vazios que se formaram naturalmente na estrutura urbana, atendendo à função de reunião social. Trata-se dos adros ou largos das igrejas.¹⁴ Alguns desses espaços públicos polarizam funções comerciais.¹⁵

ARQUITETURA OFICIAL E VERNACULAR

(*Ver prancha: Tipologia Arquitetônica*)

A importância estratégica do arquipélago e a conseqüente diversidade de influências a que esteve exposto, se reflete na arquitetura, cujos elementos construtivos presentes no meio urbano são mais elaborados e eruditos, havendo maior atenção na composição estética das edificações. Há a presença marcante da monumentalidade, presente nas igrejas, palácios e solares, expressas nas dimensões das edificações e na profusão de ornamentos, requadros e guarnições trabalhadas, guarda-corpos e sacadas, além de presença de azulejaria e do uso abundante de cantaria,¹⁶ bem como de elementos em ferro. (*Ver prancha: Arquitetura Oficial*)

A paisagem construída dos Açores apresenta, no entanto, um outro aspecto, mais rural, presente nas pequenas aglomerações disseminadas pelas ilhas, cada qual com características peculiares.

Uma situação específica se apresenta em Angra do Heroísmo, cuja arquitetura apresenta semelhanças com o partido arquitetônico colonial brasileiro, da qual a tipologia arquitetônica presente na Ilha de Santa Catarina é parte integrante.¹⁷

Ou seja, a arquitetura da ilha catarinense não difere daquela encontrada ao longo do litoral brasileiro, pois a ênfase na uniformidade é um aspecto característico da nova construção de vilas no Brasil setecentista, marcado pela influência barroca, onde o traçado urbano é delimitado pelas fachadas que adquirem intensidade estética e unidade na composição,

14 Exemplos desses largos são o da igreja N. S^ª. da Conceição e capela S. Sebastião do Campeche. A capela do Menino Deus, do Hospital de Caridade, e a igreja N. S^ª. do Rosário e São Benedito possuíam adros fronteiros.

15 Os espaços públicos utilizados para a comercialização apresentam peculiaridades relativas a cada período. Esta atividade, que vai ocorrendo espontaneamente nos logradouros, consolida-se com a construção do Mercado Público, que ao longo do tempo sofre transferência de lugar, adequações e ampliações. A versão contemporânea do comércio ambulante é hoje representada pelos camelôs, que também se consolidaram no "Camelódromo".

16 Há o uso da ornamentação em pedra basáltica, sobretudo em São Miguel, que, pela cor escura, criam um contraste com a alvenaria branca das paredes.

17 Na Ilha de Santa Catarina tem havido uma dinâmica de identificar aleatoriamente todas as produções locais como de origem "açoriana". Uma das primeiras manifestações contrárias a esta prática foi Sara Regina Silveira de Souza, que em 1981, em seu estudo sobre a presença portuguesa na Ilha de Santa Catarina já afirmava que tanto os Açores como o Brasil apresentavam arquitetura com características portuguesas. (In: ADAMS, 2001, p. 96).

mantida constante ao longo dos séculos.¹⁸ Fazem parte dessa tipologia edificações caiadas de branco, de um a dois pavimentos, cujos telhados, com telhas capa e canal, apresentam o caimento atenuado por galbos; a sua interligação com as fachadas através da beira-seveira ou cimalthas; as fachadas, predominantemente em um só plano, compostas por cunhais e embasamentos; os vãos ritmados, com molduramento em madeira, e posteriormente requadros em massa, abrigando esquadrias que apresentam duas folhas, às quais estão sobrepostas as guilhotinas. (*Ver pranchas: Casario: Santa Catarina e Açores*)

A distância da ilha catarinense dos centros de decisão, aliado ao fato de ter sido ocupada por povoadores oriundos do meio rural, contribuiu para uma arquitetura mais singela, cujos requadros são simplificados, as fachadas menos ornamentadas, havendo raros exemplos de cantaria¹⁹ e azulejos.²⁰

Até o momento não há referência de que tenha havido na Ilha de Santa Catarina uma tipologia residencial conforme análise trazida por MARTINS (1983, p. 28) referente ao período de povoamento dos Açores. Porém, em uma das mais antigas edificações que ainda existem na ilha,²¹ há a presença de dois nichos na alvenaria localizados no cômodo da cozinha, que poderia ser comparado às “copeiras” existentes no “cômodo do meio”, existentes sobretudo na ilha Terceira, conforme relato do pesquisador.

Um elemento muito presente na paisagem açoriana, a chaminé, está ausente na paisagem da ilha catarinense.²² Na ilha catarinense, o fogão freqüentemente está incorporado à edificação principal, localizado no “puxado”, agregado ao fundo da mesma.

Em pesquisa desenvolvida²³ foi evidenciado um antigo piso de chão

18 BARRETO (1975, p. 195) cita a carta régia de 19/06/1761 que ordenava ao Governador do Piauí que os terrenos das vilas poderiam ser cedidos gratuitamente desde que “as ditas casas sejam sempre fabricadas na mesma figura uniforme, pela parte exterior, ainda que na outra parte interior as faça cada um conforme lhe parecer, para que desta sorte se conserve a mesma formosura nas vilas, e nas ruas delas a mesma largura, que se lhes assinar nas fundações...”

19 As portadas da antiga igreja matriz, atual Catedral Metropolitana, e da antiga Câmara e Cadeia, atual Câmara de Vereadores apresentam cantaria. Há também um sobrado localizado na subida para o Hospital de Caridade, com cantaria em pedra.

20 Há um exemplo de fachada com azulejos localizado na Praça XV de Novembro, e outra, localizada na Rua Conselheiro Mafra e presente apenas no pavimento superior.

21 Trata-se da Casa do Vigário, localizada junto à igreja N. S^ª. da Conceição, cuja construção possivelmente é anterior a do monumento, que data de 1750.

22 Tal fato já é citado no estudo de FERNANDES e JANEIRO (1987, p. 69), e também é relatado como inexistente no Rio Grande do Sul, conforme CRUZ (1996, p. 48).

23 Prospecção arqueológica em bem tombado pelo município de Florianópolis, localizado na Praça XV de Novembro. Pesquisa realizada em julho de 1999, por ocasião das obras de restauro, pela arqueóloga Fabiana Comerlato, atendendo indicação do SEPHAN/IPUF.

batido e de uma estrutura anterior a do atual sobrado oitocentista, que possivelmente seria térrea. Conforme COMERLATO (1999, p. 4-7), juntamente com a tralha doméstica, foi encontrada a evidência de uma cavidade que possivelmente estaria relacionada à estrutura do fogão, em vista da camada de fragmentos de ossos de mamíferos e peixes, vários tipos de cerâmica e uma concentração de carvão, com manchas brancas de cal (a cal ainda hoje é usada para higienizar e tirar o mau cheiro em casas sem assoalho). Provavelmente tratava-se de uma estrutura de alvenaria, construída diretamente no solo, sobre a qual poderia haver uma chapa de ferro. O forno estava atrás do fogão em formato de calota, tendo supostamente uma chaminé ao fundo. Havia ainda uma vala frontal, possível local de estocagem e secagem da lenha. As evidências de estruturas parietais e escavações subseqüentes indicavam, também, que a área do fogão ficaria no interior do cômodo, porém próximo ao exterior, provavelmente o quintal da residência.

Tanto na Ilha de Santa Catarina, quanto no arquipélago dos Açores, há a presença da cor amarelo ocre, utilizada nos cunhais e requadros em massa. Os requadros na cor cinza, também encontrados nos Açores, têm se mostrado mais recentes,²⁴ sendo que o azul parece ter caído em desuso na ilha catarinense. Quanto às esquadrias, predominam na Ilha de Santa Catarina as cores verde, azul e *bordeaux*. Há também a presença do ocre, utilizado como fundo da parede, valorizando os ornamentos, de cor branca.²⁵ Não há a utilização da alvenaria de pedra, não-rebocada.

A dificuldade de obtenção dos materiais construtivos, bem como a tecnologia então existente, também restringiu as possibilidades construtivas, que ficaram sujeitas aos materiais e técnicas disponíveis na região.

Com o desenvolvimento, a área central de Florianópolis foi sendo objeto de transformações, que alteraram sobretudo a arquitetura da paisagem construída, objeto de influências diferenciadas. Resultou na perda considerável de seu rico acervo construído, somente minorado através da sua proteção por legislação específica, a partir da década de 80 do século XX.

Este fato não ocorreu nas freguesias e áreas rurais, cujo semi-isolamento, em vista das dificuldades de transporte, perdurou até o início da década de 70 do século XX, e contribuiu para a preservação da arquitetura, de característica luso-brasileira, e de seu espaço construído.²⁶

24 Conforme prospecções realizadas pelo IPUF.

25 Esta paleta de cores é encontrada também na arquitetura religiosa.

26 Trata-se em especial dos núcleos urbanos de Santo Antônio de Lisboa, Lagoa da Conceição, Ribeirão da Ilha e Costa da Lagoa.

Este fato auxiliou na manutenção das demais expressões culturais de base açorianiana na Ilha de Santa Catarina.

Também nos Açores, com o declínio da sua importância marítima, ocorrida há mais de um século, foi possível a preservação das características da estrutura urbana e do conjunto homogêneo de edifícios.

IGREJAS E TEATROS DO DIVINO

(Ver pranchas: Arquitetura Religiosa e Teatros ou Impérios do Divino Espírito Santo)

O poder religioso em Portugal estava vinculado ao rei, chefe de Estado. A ilha Terceira, especificamente, foi doada ao Infante Dom Henrique, que era o prior da Ordem Terceira de Cristo, razão pela qual toda a estrutura religiosa localizava-se nesta ilha, onde a festa do Divino sempre teve uma grande importância.

A presença da arquitetura religiosa é marcante na paisagem, tanto urbana quanto rural, dos Açores. Os monumentos religiosos começam a ser construídos a partir do século XV, apresentando uma tipologia arquitetônica mais elaborada, de maior dimensão, subdivididas em igrejas, capelas, ermidas e oratórios. Apresentavam localização variada, segundo as ordens às quais pertenciam.

Seguindo o rigor medieval, do respeito por Jerusalém, inicialmente as igrejas eram construídas com o altar-mor localizado para o oriente, e só no Renascimento as igrejas passam a orientar-se de acordo com os arruamentos, procurando sempre a melhor implantação. (MADURO-DIAS, 1996, p. 36)

No Brasil colonial as igrejas eram o principal fator de agregação e desenvolvimento dos pequenos assentamentos. Muito antes da elevação à categoria de vila, quando tornavam-se partícipes da organização do Estado, os núcleos de ocupação contavam com o poder religioso como norteador, determinante e regulador de seu espaço urbano emergente. Geralmente localizavam-se destacadas no espaço urbano, seja nas cabeceiras de praças ou à meia encosta de morros.²⁷

A igrejas da Ilha de Santa Catarina foram construídas a partir do século XVIII. Apresentam linhas singelas, lembrando as ermidas dos Açores. Trata-se de igrejas de nave única e capela-mor, junto à qual localizam-se as sacristias, e, às vezes, o consistório. Algumas apresentam também capelas laterais.²⁸ As fachadas frontais apresentam uma portada principal e óculo,

27 Tanto a igreja N. S^a. da Conceição, na Lagoa (1750), como a capela do Menino Deus, do Hospital de Caridade, (séc XVIII) localizam-se em encostas.

28 A exemplo da Catedral Metropolitana, a capela do Menino Deus e a igreja N. S^a. das Necessidades.

encimados pelo frontão. Descentralizando a composição, lateralmente há a presença de uma torre sineira. As igrejas tinham freqüentemente o seu espaço delimitado através de muros, por vezes rendilhado,²⁹ apresentando ainda cemitérios.

VIEIRA FILHO (s. d. p. 66-68) relaciona a simplicidade formal e uniformidade dessas igrejas à pobreza do local e sua distância aos centros mais abastados. Considera, ainda, como fator complementar, a contribuição dos engenheiros militares, que adotaram como norma o racionalismo clássico ligado ao maneirismo quinhentista das primeiras igrejas brasileiras.

O projeto para a igreja matriz do Desterro, hoje Catedral Metropolitana, é de autoria do brigadeiro Silva Paes. Este partido foi modelar para as demais igrejas na ilha, perdurando até o início do século XX.³⁰

A partir deste século algumas igrejas recebem novas incorporações, através da inserção de torres centrais nas suas fachadas, influência da imigração germânica e italiana para o interior do Estado, na segunda metade do século XIX.³¹

Os cruzeiros, muito presentes na Ilha de Santa Catarina, representavam o símbolo do poder no povoamento dos portugueses em novas terras, aparecendo próximo às igrejas e em locais de grande confluência.

Os "teatros"³² ou "impérios"³³ são pequenas construções isoladas ou anexas à igreja, utilizadas por ocasião dos festejos do Divino Espírito Santo, que são uma das mais significativas manifestações culturais trazidas pela colonização açoriana.³⁴

Nos Açores a festa do Divino é pagã, ou seja, acontece dissociada da igreja, proliferando de acordo com o interesse das comunidades. Assim,

29 A igreja N. S^a. das Necessidades (Sto. Antônio) e igreja N. S^a. da Lapa (Ribeirão) mantêm o cemitério. As igrejas da Lagoa e de Sto. Antônio apresentam muros com um delicado trabalho de rendilhado, o qual também ocorre nos Açores.

30 A igreja N. S^a. das Necessidades segue o mesmo projeto, simplificado, da matriz. As demais igrejas são: igreja de N. S^a. do Rosário e S. Benedito, igreja de S. Francisco de Assis e igreja S. Sebastião, localizadas no centro da cidade, igreja N. S^a. da Conceição (Lagoa), igreja S. Francisco de Paula (Canasvieiras), igreja de N. S^a. da Lapa (Ribeirão da Ilha) e igreja de S. João Batista (Rio Vermelho), localizadas no interior da ilha.

31 A exemplo da capela do Menino Deus e igreja N. S^a. do Parto.

32 Há dúvida com relação ao nome "Teatro do Divino" ou "Triato do Divino". Segundo GOMES (1993, p. 235), este nome derivaria do conceito de trilogia da Santíssima Trindade, ou do fato das representações serem realizadas em pequenos e improvisados teatros. "Triato" também poderia ser uma corruptela de "Teatro".

33 A denominação império, ainda segundo GOMES, vem sendo utilizada desde a introdução de seu culto em Portugal, atribuindo-se ao templo onde se venerava o Senhor Espírito Santo.

34 Há muitas versões sobre a origem destas festas, uma delas está relacionada com o aparecimento das "confrarias" do Divino Espírito Santo, na França e Alemanha, no século XII. Teriam se consolidado em Portugal durante o reinado de Dom Diniz e da rainha Santa Izaabel, no século XIII. Do Continente foram trazidas para os Açores. (NUNES, 1987, p. 96-98)

os teatros do Divino e impérios localizam-se disseminados no espaço urbano. Os impérios no século XIX eram frequentemente levantados em pagamento de promessas, em substituição aos anteriores em madeira, destruídos pelos sismos.

Com relação à tipologia arquitetônica encontram-se os “teatros”, de planta quadrada, cobertura em quatro águas, podendo ser fechados ou em forma de alpendre.³⁵ Os “impérios-capela” assemelham-se a pequenas capelas ou ermidas, com uma porta ao centro ladeada por duas janelas, com frontão triangular e geralmente encimada por uma “coroa”, onde pousa a “pomba” de asas abertas.³⁶ O acesso ao seu interior dá-se por uma pequena escada, fixa, de pedra ou, desmontável, de madeira. As datas nas fachadas correspondem à data de reconstrução das mesmas.³⁷ E os “impérios-casa” caracterizam-se por uma casa alongada, em duas águas.³⁸

Na Ilha de Santa Catarina os teatros e impérios do Divino localizam-se junto às igrejas, pois no litoral catarinense a festa está associada à estrutura religiosa, através do apoio das paróquias. A tipologia arquitetônica presente na Ilha de Santa Catarina são os “impérios-capela”³⁹, havendo somente um exemplar de “teatro”, que apresenta também a planta quadrada, fechado por paredes laterais apresentando na fachada frontal duas aberturas, ladeando a porta, disposta de modo centralizado em relação à fachada.⁴⁰

OCUPAÇÃO RURAL E OS ENGENHOS

(Ver prancha: *Arquitetura de Produção*)

Quanto à ocupação rural, tanto os Açores quanto a Ilha de Santa Catarina apresentam uma linearidade na ocupação, que se estende ao longo do território, seguindo a topografia. As edificações são

35 São encontrados nas ilhas de São Miguel e Sta. Maria.

36 Segundo MELO (1994, p. 72), há ainda as “ermidas-impérios”, que ao invés de apresentar uma coroa encimando o frontão, apresentam uma cruz.

37 São encontradas nas ilhas do grupo Central.

38 São encontrados nas ilhas das Flores e Corvo.

39 Encontrados atualmente junto às igrejas de N. S^ª. da Lapa (Ribeirão da Ilha), capela São Sebastião (Campeche) e igreja da Trindade, estando porém todos desativados. O império do Ribeirão era o mais bonito, possuindo um altar entalhado, tendo sido, no entanto, substancialmente descaracterizado. Havia, também, impérios junto à Catedral Metropolitana, à igreja N. S^ª. das Necessidades (Sto. Antônio de Lisboa) e à igreja de São Francisco de Paula (Canasvieiras). No Continente haviam impérios junto à matriz de São José e na Enseada de Brito, ambos também demolidos.

40 O exemplar desta tipologia fica localizado junto à igreja N. S^ª. da Conceição, na Lagoa. É semelhante ao teatro existente na ilha de Sta. Maria. É interessante notar este fato, já que, segundo pesquisas demográficas desenvolvidas por FARIAS (1998, p. 249), desta ilha emigrou apenas 01 indivíduo para a freguesia N. S^ª. da Conceição (Lagoa).

freqüentemente conformadoras dos caminhos, intercaladas dos vazios, que nos Açores tendem a ser murados. Uma característica diferenciada nos Açores é que os muros de pedra nem sempre refletem a estrutura fundiária, sendo necessários para o aproveitamento racionalizado da terra.

A paisagem rural catarinense tinha um expressivo componente representado pelos engenhos. Localizavam-se junto à edificação principal, porém sua arquitetura é bastante simples, e caracteriza-se pela utilização de materiais perecíveis, pouco resistentes e rudimentares, sem qualquer preocupação com a beleza, mas sim com sua funcionalidade.

Sua introdução ocorreu com a chegada dos imigrantes açorianos, e substituíram os tradicionais métodos dos indígenas, que utilizavam a força do homem. Nos Açores são comuns os moinhos de vento movidos por força eólica, de origem continental ou flamenga, e atafonas. Trata-se de construções resistentes, em pedra basalto, sem reboco.

Segundo FARIAS (1998, p. 249), os engenhos de farinha foram as primeiras unidades semi-industriais criadas no sul do Brasil, resultado da aplicação da tecnologia dos moinhos de trigo utilizados nos Açores. A sua introdução revolucionou os processos de produção até então utilizados, além de melhorar qualitativamente o produto.

Os engenhos na Ilha de Santa Catarina eram movidos à tração animal, havendo também rodas d'água. O "rancho", como é denominado, apresenta partido retangular e cobertura em duas águas, com telhas cerâmicas capa e canal, cuja estrutura é em paus roliços. Na maioria das vezes seu alicerce é de pedra, e apresenta quatro pilares de tijolos localizados na extremidade da edificação, formando uma estrutura autoportante. O fechamento das paredes pode ser em alvenaria de pedras, pau-a-pique, madeira ou uma mistura destes materiais, sem preocupação com a estética da mesma. Os vãos apresentam sempre verga reta, com requadros em madeira. As esquadrias são em madeira, sendo as janelas fechadas por duas folhas de madeira, sem presença de vidros. Internamente o engenho não possui forro e apresenta piso em chão batido. São edificações que podem ou não apresentar reboco.

Conforme PEREIRA (1992, p. 33-34), a difusão do uso dos engenhos foi tão grande, que estatísticas de 1796 mostram existência de um grande número de unidades de produção rural, subdivididos em 350 engenhos de mandioca, 102 engenhos de cana (açúcar e cachaça) e atafonas diversas.⁴¹ Hoje há poucas unidades em produção na ilha, resultado da

41 Em seu livro, Pereira discorre sobre a tecnologia do fabrico da mandioca. Na Ilha de Santa Catarina há três tipos de engenho, sendo o primeiro e mais primitivo o do tipo "chamarrita", também conhecido por "caranguejo", ou "pouca-pressa" (manual); o do tipo "cangalha", mais típico (acionado por gado muar ou cavalari) e o tipo "mastro" ou "rodete", mais aperfeiçoado, não é originário da ilha, onde é raramente encontrado (movido por tração animal).

mudança de função das áreas rurais, que vêm sendo transformados em áreas turísticas, não havendo incentivos para a manutenção desta tecnologia produtiva.

CONCLUSÃO

O isolamento da Ilha de Santa Catarina contribuiu para que se mantivesse as diferentes expressões da cultura portuguesa, aqui trazidas pelos açorianos, mantendo-se tradições que foram se perdendo em outros locais.

A estrutura urbana básica se manteve, apesar do seu adensamento, adequações e ampliações.

Quanto à arquitetura, é de se ressaltar que a arquitetura aqui realizada teve características luso-brasileiras, pois a ocupação do território brasileiro seguiu um plano estratégico, que contemplava, entre outros, o conceito plástico barroco de unidade estética do acervo construído, sem necessariamente reproduzir a arquitetura portuguesa, de características bastante diversificadas entre si, tanto nos Açores quanto no Continente.

A arquitetura monumental, de cunho oficial ou religioso, foi objeto de adequações, porém ainda é visível na paisagem urbana.

As freguesias do interior da ilha, de características arquitetônicas predominantemente mais singelas, conservaram mais intactas as características tipológicas coloniais. Isto não ocorreu com a arquitetura vernacular na área central de Florianópolis, local da antiga vila de Nossa Senhora do Desterro, que foi substancialmente transformada, através da sucessiva "modernização", ao gosto de época, de outras influências étnicas ou adequação à legislação municipal.

Porém, apesar dessas considerações, para além da diversidade, segundo Paulo Santos (1988, p. 54) "existe, porém, alguma coisa de maior que ao mesmo tempo personaliza os tipos, identifica a nacionalidade; as indefiníveis similitudes que aproximam entre si os componentes de um mesmo povo e o distinguem dos demais povos..." que, tanto no arquipélago dos Açores, quanto no Brasil, é a origem comum, portuguesa.

Referências bibliográficas

- ADAMS, Betina Maria. **O patrimônio de Florianópolis: trajetória da gestão para sua preservação.** 2001. Dissertação (Mestrado em Geografia). Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis.
- BARRETO, Paulo Thedim. **O Piauí e a sua arquitetura.** (1938) In: *Arquitetura Civil I: textos escolhidos da Revista do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.* São Paulo: FAUJSP; MEC-IPHAN, 1975. (p. 191-219).
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina.** Rio de Janeiro: Editora Laudes S.A., 1970. 458 p.: il.
- CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **Nossa Senhora do Desterro: Notícia e memória.** Florianópolis: Lunardelli, 1979. 2v: 515 p.: il. e 575 p.: il.
- COMERLATO, Fabiana. **Relatório final da prospecção arqueológica em residência oitocentista do conjunto histórico da Praça XV.** Florianópolis: documento datilografado, 1999. 31 p.: il.
- CRUZ, Glenda Pereira da. **Espaços açorianos no Rio Grande do Sul.** In: MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **Arquitetura popular açoriano/brasileira: subsídios para seu estudo.** Açores: Presidência do Governo Regional dos Açores: Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, 1996. 189 p.: il.
- DELSON, Roberta Marx. **Novas vilas para o Brasil-Colônia: planejamento espacial e social no século XVIII.** Brasília: Ed. Alva-Ciord, 1997, (c1979). 124 p.: il.
- FARIAS, Wilson Francisco de. **Dos Açores ao Brasil meridional: uma viagem no tempo: povoamento, demografia, cultural, Açores e litoral catarinense.** Fpolis: Ed. do autor, 1998. 402 p.: il.
- FERNANDES, José Manuel e JANEIRO, Maria de Lurdes. **Um percurso da arquitetura açoreana do arquipélago ao Brasil.** In: 2. SEMANA DE ESTUDOS AÇORIANOS (1987: Florianópolis). **Anais.** Fpolis: Editora da UFSC, 1989. (p. 57-71)
- GOMES, Augusto. **A alma da nossa gente: repositório de usos e costumes da ilha Terceira - Açores.** Angra do Heroísmo: Silva Miguel Artes Gráficas, 1993.
- MADURO-DIAS, Francisco dos Reis. **Angra do Heroísmo: janela do Atlântico entre a Europa e o Novo Mundo.** Angra do Heroísmo/Região Autónoma dos Açores: Centro Nacional de Cultura: Governo Regional dos Açores: Gabinete da zona classificada de Angra do Heroísmo, 1996. 95 p.:il.
- MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **Arquitetura nos Açores: subsídios para o seu estudo.** Horta: Região Autónoma dos Açores: Secretaria Regional dos Transportes e Turismo: Direcção Regional do Turismo, 1983. 350 p.: il.
- MARTINS, Francisco Ernesto de Oliveira. **Arquitetura popular açoriano/brasileira: subsídios para seu estudo.** Açores: Presidência do Governo Regional dos Açores: Gabinete de Emigração e Apoio às Comunidades Açorianas, 1996. 189 p.: il.
- MELO, Paulo de Ávila de. **Ruas e lugares da Praya : Notas para a sua história.** Angra do Heroísmo: edição Câmara Municipal da Praia da Vitória, 1994.
- NUNES, Lélia Pereira da Silva. **Festa do Divino Espírito Santo: resgate de uma tradição.** In: 2. SEMANA DE ESTUDOS AÇORIANOS (1987: Florianópolis). **Anais.** Fpolis: Editora da UFSC, 1989. (p. 96-104).
- PEREIRA, Nereu do Vale. **Os engenhos de farinha de mandioca da Ilha de Santa Catarina: etnografia catarinense.** Fpolis: Editora Fundação Cultural Açorianista, 1992. 208 p.: il.
- PEREIRA, Nereu do Vale et al. **Ribeirão da Ilha vida e retratos: um distrito em destaque.** Fpolis: Fundação Franklin Cascaes, 1990. 502 p.: il.
- PIAZZA, Walter F. **O brigadeiro José da Silva Paes: estruturador do Brasil meridional.** Fpolis: Ed. da UFSC; Rio Grande: Ed. da Fundação Universidade do Rio Grande; Fpolis: FCC Edições, 1988. 172 p.: il.
- SANTOS, Paulo F. **Constantes de sensibilidade na arquitetura do Brasil.** In: ARQUITETURA REVISTA, Rio de Janeiro: FAU/UFRJ, v. 6, p. 52-70, 1988.
- SILVEIRA DE SOUZA, Sara Regina. **A presença portuguesa na arquitetura da Ilha de Santa Catarina - séculos XVIII e XIX.** Florianópolis: IOESC, 1981. 260 p.: il.
- VIEIRA FILHO, Dalmo. **Notas para o estudo da arquitetura religiosa tradicional brasileira.** Documento datilografado, s. d, 97 p.: il.



Figura 207 - Palmeira - PR, igreja do início do século XIX, em louvor a Nossa Senhora da Conceição.
(Foto do autor, 2001)



Figura 208 - São Miguel - SC, Igreja de São Miguel Arcângelo, do século XVIII (1752), em sua volumetria original.





Figura 209 - Residência, período colonial luso-brasileiro, Sambaqui, Florianópolis.

Figura 211 - Observar detalhe do arremate da cobertura com beira-seveira e janelas em guilhotina.



Figura 212 - Casa luso-brasileira do século XIX, na praça do distrito de Mirim - Imbituba, Santa Catarina. (Foto cedida pela P.M. de Imbituba, 2000)



O casario apresenta grande variedade tipológica em função dos diferentes momentos em que as edificações foram construídas: colonial luso-brasileiro, neoclássico, eclético, art-nouveau, art-decô, modernismo e contemporâneo.



Figura 210 - Conjunto urbano, Ribeirão da Ilha, Florianópolis.



Figura 213 - Rua Conselheiro Mafra, Florianópolis.



Figura 214 - Antigos sobrados coloniais adequados às novas tipologias arquitetônicas e regras urbanas, tais como a inserção de platibandas.



Figura 215 - Conjunto urbano eclético, Rua Hermann Blumenau, Florianópolis.



Figura 216 - Conjunto urbano no centro histórico, Florianópolis.



Figura 217 - Em Angra do Heroísmo, a estrutura administrativa principal, que se localiza no Paço do Concelho, está espacialmente dissociada da estrutura religiosa. Ao fundo avista-se a torre da Sé.



Figura 218 - O casario urbano em Angra do Heroísmo situa-se no alinhamento das ruas, apresentando uma feição homogênea.



Figura 219 - Unidades arquitetônicas da Iha Terceira



Figuras 220 e 221 - Detalhes arquitetônicos, Angra do Heroísmo.



Figura 222 - A tipologia arquitetônica da área rural apresenta semelhança com os exemplares brasileiros.



Figura 223 - Nordeste, ilha São Miguel.



Figura 224 - Como elemento diferencial, nos Açores há a presença de chaminés, inexistentes no Brasil. Exemplar situado em Ponta Delgada, ilha Terceira.



Figura 226 - Acima, o arremate dos beirais e o peito de pomba. Ao lado, uma gárgula, elemento arquitetônico inexistente no Brasil. Exemplares localizados em Ponta Delgada, ilha de São Miguel.

A arquitetura apresenta esmero na ornamentação. Há a presença de cantaria nos emolduramentos dos vãos e gradis em ferro.



Figura 225 - Os elementos de acabamento da cobertura apresentam rico trabalho.

Santa Catarina



Figura 227 - Residência e engenho em Santo Antônio de Lisboa, Florianópolis.



Figura 228 - Engenho na Caieira da Barra Sul, Florianópolis.



Figura 229, 230 e 231 - Engenho construído em pau-a-pique no Canto da Lagoa, Florianópolis.



Os engenhos são unidades produtivas para o fabrico da farinha de mandioca. As construções geralmente ficam situadas junto às habitações e freqüentemente são executadas em taipa de pau-a-pique.

Açores



Figura 232 - Nos Açores a paisagem é entremeada por moinhos de vento, atafonas, palheiros, cisternas e burras de milho.



Figura 233 - Unidade produtiva rural, Doze Ribeiras, Terceira.



Figura 234



Figura 235



Figura 236 - Vista geral do Forte Santana (1761) e ao fundo a Ponte Hercílio Luz (1926).



Figura 238 - Vista da Fortaleza São José da Ponta Grossa (1740), Ilha de Santa Catarina e seus terraplenos.

O arquipélago dos Açores a partir do século XV constituiu-se em um importante ponto de convergência das rotas comerciais entre Europa e os "novos" continentes.



Figura 237 - Destaca-se a simetria dos vãos, com enquadramento em cantaria do Forte Santana.

Em vista da importância estratégica do Brasil meridional, a partir do século XVIII, Portugal investe no sistema defensivo da Ilha de Santa Catarina.

A arquitetura monumental destaca-se na paisagem. O esmero no acabamento é evidenciado na cantaria em pedra.



Figura 239 - Castelo de São João Baptista (XVI-XVII), Angra do Heroísmo/Açores.

Figura 240 - Vista das imponentes muralhas e do fosso, destacando-se o trabalho em cantaria do pórtico.



Figura 241 - Igreja N. Sa. da Conceição, Lagoa, Florianópolis.



Figura 242 - Igreja N. Sa. da Lapa, Ribeirão da Ilha, Florianópolis.

As igrejas de Santa Catarina foram construídas a partir do século XVIII e apresentam linhas singelas lembrando as ermidas e capelas dos Açores.

Figura 245 - Ermida de Santo Antônio do Monte Brasil, Terceira.

Nos Açores as mais antigas igrejas datam do século XV. Os monumentos apresentam uma tipologia mais elaborada, com freqüente uso da cantaria.



Figura 246 - Igreja São Sebastião, Terceira/Açores.



Figura 243 - Igreja N. Sa. do Rosário e S. Benedito - Florianópolis.

Figura 244 - Igreja do antigo Convento da Graça, Ponta Delgada/Açores.



Figura 247 - Igreja matriz, Nordeste, São Miguel/Açores.

Santa Catarina




Figura 248 - Antiga Alfândega, Florianópolis. 





Figura 249 - Palácio Cruz e Sousa, antiga sede do governo estadual, Florianópolis. 



Figura 250 - Mercado Público, Florianópolis. 



Figura 251 - Antiga Casa de Câmara e Cadeia, Florianópolis. 

Açores




Figura 252 - Câmara Municipal, Nordeste, São Miguel/Açores. 




Figura 253 - Câmara Municipal, Ponta Delgada/Açores. 



Figura 254 - Império do Divino, Palmeira/Paraná, comunidade de colonização açoriana.



Figura 255 - Teatro do Divino, Lagoa da Conceição, Florianópolis.

Açores

Nos Açores o antigo culto popular ao Divino Espírito Santo tem seu suporte em pequenas edificações disseminadas no espaço urbano.

Estas unidades caracterizam-se por tipologias arquitetônicas diversas: teatros, impérios-capela e impérios-casa.



Figura 256 - Império-capela, Ribeirão da Ilha, Florianópolis.

Santa Catarina

Os teatros do Divino são uma das importantes manifestações culturais trazidas pelos colonizadores açorianos.

Em Santa Catarina os teatros localizam-se junto às igrejas, pois a festa está associada à estrutura religiosa.

Teatros do Divino Espírito Santo localizados na Terceira, Açores.



Figura 257



Figura 258



Figura 259



Figura 260 - Fonte/bica d'água, no Brasil conhecida por Carioca, ilha Terceira, Açores, Portugal. (Foto do autor, 2000)



Figura 261 - Carioca no meio rural da freguesia de Ericeira, Mafra, Portugal. (Foto do autor, 2000)



Figura 262 - Carioca muito antiga no centro histórico da antiga vila de Ericeira, Mafra, Portugal. (Foto do autor, 2000)



Figura 263 - Carioca/fonte d'água tradicional de Laguna, Santa Catarina, do século XIX, ainda em uso. (Foto cedida pela P. M. da Laguna, 2000)



Figura 264 - Aqüeduto do século XVIII, em São Miguel, Biguaçu, Santa Catarina, utilizado no abastecimento dos navios que circulavam na região. (Foto do autor, 2001)



Figura 265 - Aqüeduto existente na ilha do Faial, Açores, Portugal. (Foto do autor, 1995)



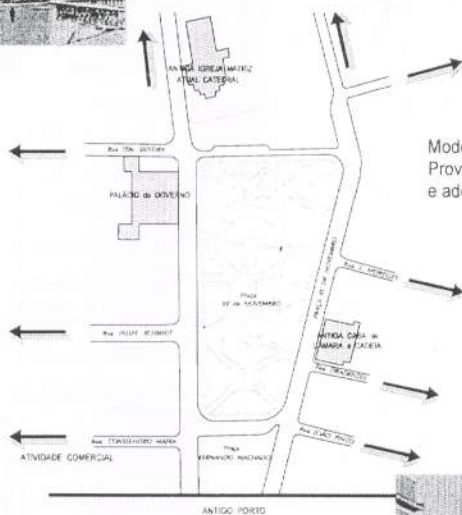
OCUPAÇÃO URBANA



Vista do Palácio Cruz e Sousa

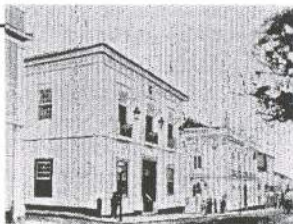


Vista antiga da Igreja Matriz, atual Catedral

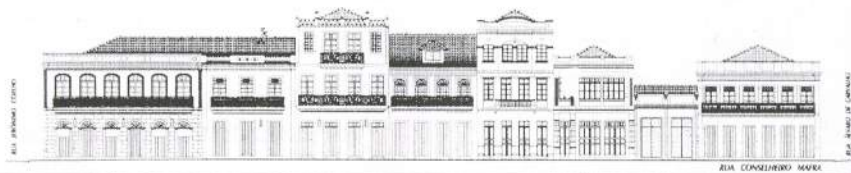


Modelo regulado pela
Provisão Régia portuguesa em 1747
e adotado em vários núcleos urbanos.

A praça central agregava as principais edificações e as ruas retílineas e estreitas seguiam paralelas à orla marítima. Os lotes, também estreitos, apresentavam as edificações alinhadas em suas reduzidas testadas.

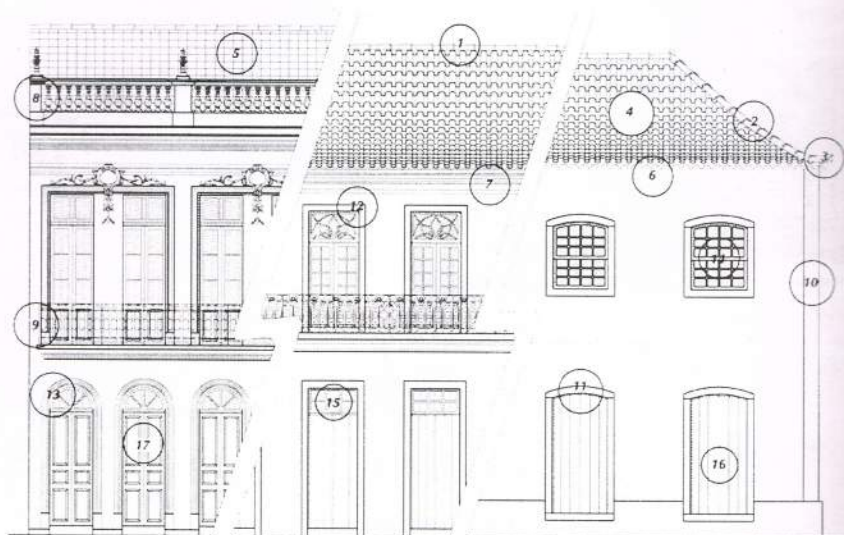


Vista ao fundo da antiga Casa da Câmara e Cadeia

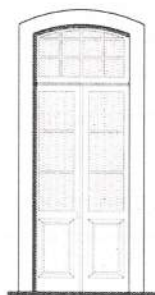


ELABORAÇÃO: Arq. BETINA ADAMS / Arq. SUZANE A. ARAÚJO
DESENHO: RAFAEL H. BERNAL
DATA: JULHO 2001

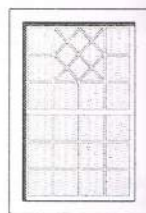
TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA



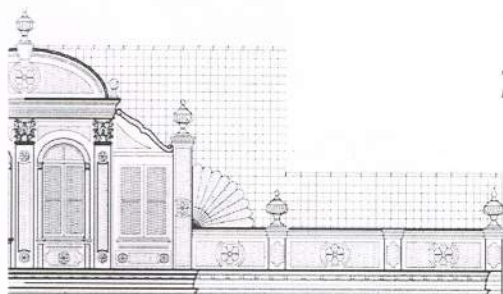
- | | |
|-------------------------------|----------------------------|
| 1. CUMEIRA | 10. CUNHAL |
| 2. GALBO | 11. VERGA EM ARCO ABATIDO |
| 3. PEITO DE POMBA | 12. VERGA RETA |
| 4. TELHA CERÂMICA APA E CANAL | 13. VERGA EM ARCO PLENO |
| 5. TELHA CERÂMICA FRANCESA | 14. GUILHOTINA |
| 6. BEIRA SEVEIRA | 15. BANDEIRA |
| 7. CIMALHA | 16. PORTA EM TÁBUA CORRIDA |
| 8. PLATIBANDA | 17. PORTA ALMOFADADA |
| 9. GRADIL | |



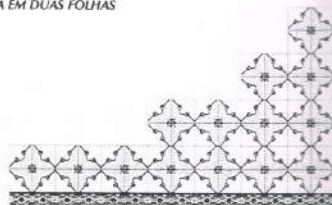
PORTA EM DUAS FOLHAS



JANELA EM GUILHOTINA



FRONTÃO



AZULEJOS

ELABORAÇÃO: Arq. BETINA ADAMS / Arq. SUZANE A. ARAÚJO

DESENHO: RAFAEL H. BERNAL

DATA: JULHO 2001